

Ação que faz diferença

JÚLIO FERNANDES/DIVULGAÇÃO

Com quase 600 mil alunos distribuídos em 620 escolas, a rede pública de ensino do Distrito Federal tem se destacado em concursos nacionais na área educacional com iniciativas que mostram que é possível superar as dificuldades financeiras, de recursos humanos e de estrutura física para formar verdadeiros cidadãos. Envolvendo pais, alunos, funcionários e a comunidade, as escolas desenvolvem projetos simples, mas que fazem a grande diferença na formação dos estudantes. O Jornal de Brasília mostra o trabalho desenvolvido em quatro escolas do Distrito Federal e como os resultados estimulam cada vez mais a comunidade escolar.

A Escola Classe 18 de Taguatinga tem uma história que reúne exemplos de competência. Antes da criação da jornada ampliada, em 1996, a escola era denominada de aplicação — professores eram convidados a observar aulas de seus professores, usufruíam de 20 horas semanais para coordenação e 20 horas para regência. "Era uma escola que servia de modelo para outras", lembra a diretora Raquel Vilar dos Reis, servidora da Secretaria de Educação do DF há 22 anos. Ela está na EC 18 há 12 anos e ocupa a direção há quatro.

Incialmente Raquel alfabetizava alunos em Brazlândia e Ceilândia. "Eu passava na frente desta escola e nunca imaginava que um dia seria a diretora, pois era um centro de excelência. Naquela época, uma realidade ainda distante", revela.

Ela atribui o sucesso das ações da escola ao comprometimento da equipe. São 70 servidores e cerca de 820 alunos

divididos em dois turnos. "Ter uma comunidade participativa e um grupo de trabalho sério e disciplinado, que tornam a escola um ambiente prazeroso para os alunos e a família", assegura.

A proposta pedagógica está fundamentada em três pilares: leitura e escrita; ética e cidadania; e ecologia. Este ano, os professores estão trabalhando para reduzir a indisciplina e a violência a partir de um livro cujo foco é *As cinco linguagens do amor*. "Elogiar sempre, oferecer presentes, agir de modo a servir, tocar fisicamente e dedicar um tempo para a qualidade são as linguagens que os alunos estão aprendendo para uma comunicação eficiente", esclarece a diretora.

Ali, comunidade participativa é sinônimo de acompanhamento diário dos pais e contribuição espontânea para a Associação de Pais e Mestres". A gestão compartilhada é ambígua. Por um lado, é positiva, pois poderemos fazer economia em um ponto para investir em outro. O aluno precisa ter noção do que gasta para saber onde economizar. No entanto, a administração do dinheiro público deve ser cautelosa. Até agora não sabíamos quanto se gastava com água e luz. Agora, a responsabilidade é nossa — de servidores, pais e alunos", afirma Raquel.

O trabalho de conscientização para economia de água, luz e materiais já é feito junto aos alunos há anos. "Trabalhamos a manutenção do meio ambiente. Isso implica no uso responsável dos recursos naturais e em sua reutilização como alternativa de materiais para trabalhos manuais e de consumo", relata a diretora que se orgulha da EC 18.



■ NA ESCOLA DE SÃO SEBASTIÃO, OS ALUNOS TRANSMITEM À COMUNIDADE O QUE APRENDEM NAS AULAS